

O INDIO, UMA CRIANÇA EXPLORADA

VI - DRAMA DE 1.080 FAMÍLIAS INDÍGENAS RIO-GRANDENSES

Thomaz de Aquino Lisboa e Egídio Schwade

Enquanto desciamos para o magnífico vale onde o índio mora, o motorista já nos apontava com uma breve observação, para o drama por que haviam passado os índios do posto que estávamos por visitar: "360.000 pinheiros cobriam esta área. Agora não tem mais nada!"

A legislação brasileira considera o índio um menor, e como tal não tem personalidade jurídica para possuir a sua terra — ou título definitivo para a sua terra. A intenção do legislador, certamente foi boa. O índio realmente possui um caráter de "menor", comparado com a mentalidade européia de valorizar as coisas... Mas certamente não se previu o drama que realmente iria suceder ao índio. Se o índio é criança, não necessitaria também, por parte do Estado, uma atenção paterna? Quem, entretanto, vê o que sucedeu ao índio, o que sucede nos toldos do Rio Grande do Sul e mesmo em alguns postos da União — só pode pensar no pior dos pais. Num pai criminoso.

Inculcam-se, então, imediatamente os encarregados de postos. Houve, certamente, encarregados de postos que não mereceram o nome de tutores de índios. Entretanto, na maioria dos casos, é o encarregado de posto ou toldo, o único que ainda trata o índio com respeito e dedicação. E a calamidade indígena certamente seria geral não fosse a iniciativa completamente individual de alguns encarregados, que superando com uma interpretação pessoal uma lei justa em condições bem diferentes, sustentam eles mesmos a responsabilidade da direção do posto.

Outras vezes, topamos com encarregados bem intencionados, mas despreparados para a direção de um homem de caráter tão diferente, como é o do índio. A propósito disso queixava-se, com razão, um deles, homem correto e sincero: "Sei trabalhar bem a madeira, como carpinteiro, mas lidar com os índios? Nunca havia pensado nisso!"

SOBRARAM RUÍNAS

O jovem encarregado do P. I. de Cacique Doble — sr. Lourivaldo — está colhendo frutos que o passado lhe legou. Superando as dificuldades mais desanimadoras, o sr. Lourivaldo está lentamente organizando um posto completamente arruinado. Tem toda a amizade e compreensão dos índios para a desesperadora tarefa.

Entrevistamos o cacique Luis Roncadi, que nos vai contar o que sucedeu, há poucos anos, à bellissima área de Cacique Doble.

Inicialmente Roncadi nos manifestou a sua satisfação com respeito ao jovem encarregado Lourivaldo, que há pouco tomou a direção do posto: "Ele está ajudando os índios. Para nós ele fez casa bastante, compra remédio, endireitou o campo de futebol. O posto vai agora para frente."

Referiu-nos em seguida que havia atualmente uns 400 índios na área.

E com a sua simplicidade e calma de autêntico chefe indígena, começou a falar do triste pesadelo dos índios da área: a ruína dos pinheiros.

— "Faz 10 anos — começou ele — tiraram os pinheiros. Mas nada recebemos por aquilo. Recebemos o que temos na mão."

— "Ah era máto — interveio a esposa do cacique, com voz sentida — Era só máto. Agora não temo mais pinhão. Pinhão não se come mais hoje em dia. Aqui tinha pinhão que vermelhava... Agora terminaram com tudo. Derrubava sem tempo. Havia uma serraria na área. Mas vendiam por certo para fora."

— "Lá pra fora tinha umas seis serrarias — continuou o Cacique — todas destruíam pinheiros da área. O encarregado que estava aqui naquele tempo, acho que está mais bem que nós tudo. Ele ficou com a metade! Ele tá feito agora! Nestes tempos ele andou de nóvo por aqui. Conversemo com ele. Ele agora não trabalha mais com os índios. Está aposentado. Pois ele tem agora! Por que não vai se aposentar? Pois tem para o resto da vida! Temos agora uma pequena reserva de pinheirinho, que deixamos crescer, pra tá pinhão pra lá plazada. Os melhores tiraram tudo. Antes tinha pinhão para tudo: grandes e plás."

— "A gente juntava bastante — a mulher prosseguiu — e vendia naqueles tempos. Mas agora juntá o quê? Mas terminaram com tudo! Barba-ridade! Branquilara de tora no campo, que dava dó de vê! Não sei como é? Dizem que a área é dos índios mas acho que não é, né? Pois se fosse mesmo do índio acho que ninguém mexia. Ficamo sem na-

da! E o índio devia de tá indo, agora!"

Com uma inocência de criança a esposa do chefe índio já expondo todo o drama dos índios de Cacique Doble.

DOIS MUNICÍPIOS ESPERAM QUE O INDIO MORRA DEPRESSA

Outro problema comum é a quase todos os postos é a falta de apoio popular que vêm recebendo para a difícil tarefa. Isto muitas vezes desanima. O problema da cachaca, por exemplo, sem o apoio da população não se pode resolver. E o problema da reconstrução do índio, do trabalho do índio, como se há de resolver se a população em volta só espera o dia em que poderão reparar as terras dos índios? Informando-nos, por exemplo, a respeito dos índios de Cacique Doble nos municípios vizinhos, reparamos que é difícil encontrar uma autoridade moral que realmente defenda a causa do índio e o trabalho de soerguimento do mesmo. Assim, em Lagoa Vermelha curvimos que dois limites da área indígena só esperam o dia em que poderão dividir entre si o posto dos índios...

LEI ANIQUILA INICIATIVAS

Em nosso giro pelos postos foi-nos referido diversas vezes pelos responsáveis pelos postos, as graves consequências duma lei que obriga aos encarregados a enviarem todo o lucro do posto ao fundo agro-pecuário. Tivemos inclusive ocasião de ler o texto de um ofício dirigido a todos os postos do S.P.I. no qual se diz explicitamente que "...qualquer renda ou receita do Patrimônio Indígena, em todo o âmbito de nossa cadeia administrativa, está sujeita, rigorosa e invariavelmente, ao recolhimento previsto no artigo 5.º da lei delegada n.º 8, antes citada..." O ofício, precedente do Ministério da Agricultura, vem datado de 21 de junho de 1966 e refere-se ao parecer n.º 642, de 13. nov. de 1964. E a lei delegada n.º 8 é de 11 de maio de 1962.

Tal lei talvez seja boa em outras circunstâncias, mas para o problema do índio não pode ter cabimento. Está na hora de pensar o problema do índio em termos de "problema social" e não "lucros agro-pecuários". Deve a sociedade brasileira se sentir orgulhosa com o levantamento do nível social e econômico do índio, jamais tolhe-lo.

Para a subsistência dos índios no Rio Grande do Sul torna-se urgente resolver dois problemas fundamentais que vínhamos apontando através destes artigos:

1) que o índio tenha título definitivo para as suas terras. Que a terra pertença definitivamente ao índio, isto é de capital importância para qualquer trabalho que se queira fazer para o soerguimento desse povo, que vem sendo objeto de exploração quando devia ser tratado com a delicadeza que merece seu caráter de menor — reconhecido, aliás, pela legislação brasileira.

2) que o índio deixe de ser visto como objeto de lucro ou como elemento de proveito para "fundos agro-pecuários" para ser considerado como um problema social. Talvez seja até melhor que pertença — como tal — ao Ministério do Interior, ou Secretaria do Interior — respectivamente — a responsabilidade de legislar para os postos do S.P.I. ou toldos do Estado.

(Qualquer contribuição no sentido de alcançar as soluções destes problemas será altamente recebida por nós). Colégio Cristo Rei, São Leopoldo.

(continua)



Cacique Luis Roncadi, esposa e filhas. Mas confiam que o Posto Indígena será definitivamente de sua tribo.



Entrada do Posto Indígena "Cacique Doble". Bem orientados, os índios podem fazer ali uma verdadeira cidade. Por que não?